

24h\*

DESFILE DO DOIS DE JULHO DEIXA DE OCORRER PELA PRIMEIRA VEZ EM 197 ANOS POR CONTA DA PANDEMIA

NARA GENTIL



# Caboclos em quarentena

As comemorações da Independência da Bahia nunca passaram por um baque tão grande como o do próximo Dois de Julho, em seus quase 200 anos de história. A pandemia do novo coronavírus impôs nova rotina e impediu que baianos e turistas acompanhem o cortejo pelas ruas do Centro Histórico. Ou mesmo que o fogo simbólico saia de Cachoeira em desfile, com destino à capital.

O CORREIO foi atrás de historiadores para saber sobre eventuais crises que a festa do Dois de Julho tenha sofrido no decorrer da história e a resposta foi unânime: não há registro de que algum problema tenha freado o dia da Independência.

Membro do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, Milton Moura conta que durante a II Guerra Mundial (1939-1945), o Carnaval chegou a ser suspenso, mas o Dois de Julho continuou ocorrendo.

Em 1943, por exemplo, a

festa aconteceu debaixo de uma chuva muito forte. Há registros de uma multidão protegida por guarda-chuvas fazendo o cortejo.

Um dos maiores revezes que a festa da Independência da Bahia sofreu foi justamente no ano de seu centenário, em 1923, quando o Brasil vivia a República Velha. A escravidão havia sido abolida menos de 40 anos antes, em 1888, e Milton Moura explica que essa abolição foi jurídica e formal. As pessoas negras escravizadas e seus descendentes ainda eram vistas como inferiores pela elite do país, que naquela época vivia o auge do processo de eugenia, com a imigração de europeus para 'embranquecer' o país.

Por conta disso, a imagem do Caboclo foi abolida. Não era um europeu, ou um homem branco e, portanto, não fazia parte da imagem que o país queria ter. "As elites baianas e brasileiras de um modo geral queriam fazer um embranquecimento do

Brasil. E o Caboclo era a marca de uma independência representada por um elemento mestiço vestido de índio. Nesse tempo se acirrou a perseguição aos batuques de Candomblé. Era uma coisa obsessiva de fazer o Brasil parecer europeu".

O historiador Daniel Rebouças classifica esse ato de retirar o Caboclo para colocar o Senhor do Bonfim no desfile como o ápice do processo de eugenia. Ele também afirma que nem mesmo no período da Gripe Espanhola, que assolou o mundo a partir de 2018, houve a proibição de gente nas ruas.

"O Dois de Julho foi meio cambaleante durante a história. Há a procissão cívica e a popular, que normalmente é materializada nos carros do Caboclo e Cabocla. Teve anos em que o carro da Cabocla ficou preso dentro do pavilhão da Lapinha, mas havia comemorações da Independência nas ruas. Mas assim zero, eu realmente desconheço", conta.

O Pavilhão do Dois de Julho, no bairro da Lapinha, este ano não vai se abrir para a grande festa popular e terá ato simbólico, mas sem a presença do público



Decidimos que não haverá desfile, mesmo que só do Caboclo. O que vai ocorrer é um ato comigo e o governador. Vamos fazer o hasteamento da bandeira e a deposição das flores na Lapinha ACM Neto

Prefeito de Salvador

## LIVES DO DOIS DE JULHO

### ● CORREIO E HISTÓRIA

O CORREIO começa hoje uma série de lives sobre o Dois de Julho. As lives serão apresentadas pela subeditora do jornal e graduanda em História, Clarissa Pacheco, e terá as participações dos historiadores Marcelo Siquara e Rafael Dantas e do colunista do CORREIO Nelson Cadena. Sempre às 17h, as lives serão transmitidas no Instagram do jornal (@correio24horas), e vão debater temas relacionados à Independência da Bahia, como a situação da população da capital, que não conseguiu fugir para o Recôncavo na época da luta, as transformações na cidade após a guerra e a cobertura da imprensa sobre a festa.

### ● MULTIMÍDIA

Além das lives no Instagram o CORREIO vai publicar ao longo da semana um amplo conteúdo multimídia sobre o Dois de Julho, com vídeos, ilustrações, artigos e um podcast especial sobre a data. Fique atento ao site do jornal ([www.correio24horas.com.br](http://www.correio24horas.com.br)) e às redes sociais para não perder nada.

O prefeito ACM Neto afirmou que parte da Fundação Gregório de Mattos até sugeriu que o Caboclo desfilasse sem aglomeração e sem pessoas nas ruas. Contudo, ele avaliou que a medida seria arriscada: pessoas poderiam querer seguir o percurso e moradores do Centro poderiam sair para as sacadas para acompanhar o desfile.

"Decidimos que não haverá nenhum tipo de desfile, mesmo que fosse só do Caboclo. O que vai ocorrer é um ato pela manhã com as presenças minha e do governador. Nós vamos fazer o hasteamento da bandeira, a deposição das flores na Lapinha, sem que as pessoas tenham acesso. Será proibido o acesso de qualquer pessoa", disse Neto.

Em nota, a Prefeitura de Cachoeira, município de onde saiu o Fogo Simbólico na antevéspera do dia da Independência, afirmou que "reafirma seu compromisso em continuar servindo o povo cachoeirano, principalmente neste momento difícil de enfrentamento ao Coronavírus. E, de forma simbólica, lembramos e homenageamos as heroínas e heróis desta data". Todo ano, após sair de Cachoeira, a tocha passa por Saubara, Santo Amaro, São Francisco do Conde, Candeias e Simões Filho, até chegar em Pirajá.

VINÍCIUS NASCIMENTO ORIENTADO PELA SUBEDITORA CLARISSA PACHECO.